

Trail do Piódão

A manhã nascia alegre e húmida escondida com a neblina feroz, o grupo fazia-se à estrada alegre e esperançado para mais uma manhã de prova como tantas outras. O desconhecimento do caminho e o tempo contado para tantos quilómetros perfumava o habitáculo da velha Ford de nervosismo entremeando com risadas de histórias para contar. Pelas estradas procuravam-se as indicações de Piódão, ocultas pela névoa que insistia em nos acompanhar, ouvia-se o roncar do velho e cansado motor Diesel a subir pesadamente os montes e vales cobertos por um manto cinzento apenas riscado levemente por finos traços de alcatrão. Vencida a subida e chegados ao topo da serra, o sol brindava-nos a paisagem com um sorriso em forma de luz, chamando a si todas as neblinas do mundo e abrindo-nos o horizonte numa paisagem de cortar o folego do mais ávido atleta que por momentos nos transportou do interior da velha carrinha para um museu e confundia-nos o olhar com uma paisagem há muito criada por Vincent van Gogh.

A serra despia-se de beleza ao nosso redor, na exata distância da capacidade do nosso olhar, avistava-mos os sonhos e os montes que a natureza caprichosamente criou, coberta de vegetação simples com pinceladas de arvoredos, de rochas e flores de todas as cores. Mas na serra destoava de toda a paisagem a velha e histórica aldeia de Piódão. Uma mancha cinza de pequenas casinhas de pedra, mais parecia uma aldeia de brincar, pequenos cubos de rocha milenar elevavam-se do solo lada a lado, com pequenos quadradinhos brancos representavam as portas e janelas por onde os sonhos teriam de entrar. Piódão - exclamou o grupo de surpresa e de espanto alheios ao mundo sentiam no bater dos seus corações a beleza da velha aldeia, perdidos no tempo regressaram às suas infâncias, ao desejo de voltar a moldar casinhas no jardim do pátio dos avós igualzinhas as que acabaram de deslumbrar.

Quando acordaram do sonho já não eram mais as crianças a brincar, transformados em atletas agora corriam, pisavam os caminhos de pedra lisa e escorregadia com o seu ágil calçado de escalar montes e vales pelo mundo fora, agora por entre as ruas e ruelas da antiga aldeia, as casinhas elevavam-se ao céu, deixaram de ser de brincadeira, eram casas verdadeiras de gente boa a lá morar, sentido à sua passagem o aroma da terra, incentivados pelo calor da população expiravam alegria a cada folgo recebendo do ar o oxigénio e o calor de quem sabe receber e ali estava para nos ver, num abraço coletivo que só não o sentia quem não tinha coração.

O curso da corrida despedia-se da bela aldeia e afundava-se por entre o bosque da serra que imponente nos aguardava de peito aberto para nos brindar com uma sublime e dura subida até ao seu topo, onde as flores nos aguardavam carregados de esperança e suor. Subimos, descemos e voltamos a subir, sempre ladeados de beleza, da mais pura natureza campestre, que nos deslumbrava a cada passo, a cada momento, onde o céu se confundia com a terra, onde o sol aquecia as rochas que haveríamos de pisar, de transpor, de amar.

Por momentos a corrida deixou de o ser, a dor do esforço era facilmente substituída pelo prazer da paisagem que nos atravessava, os trilhos saídos de um conto de fadas faziam-nos abrandar o ritmo, não de cansaço mas de desejo de ali permanecer um pouco mais, só mais um pouco de prazer, como quem faz amor com uma bela mulher, tão bela que não vai querer que aquele momento se finde, que aquele momento se prolongue, e que só dali terá de sair porque tudo tem um fim e o fim começou lentamente a chegar, agora descendo da encosta que já fervia de tantos sorrisos como de raios de sol, avistava-se a velha aldeia, de costas voltadas continuava a nos aguardar, tão bela como antes, tão bela que ela está e estará sempre para nos convidar.

Chegámos ao fim, cortamos a meta e voltamos a respirar levemente o mais belo e puro ar da montanha perfeitamente envolvido na moldura do quadro. Repletos de dor e satisfação abraçámos o mundo, agradecemos toda a beleza ao nosso redor, agradecemos a todos numa só voz por podermos disfrutar daquele maravilhoso momento até que uma voz se levanta.

- Vamos cá voltar – ouviu-se no grupo.

- Sim João – para o ano estaremos cá, respondemos em unísono.

- Para o Ano não, para Sempre – respondeu o João.

Bruno Querido